

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA

Mariana Hofsetz Fernandes

**ATIVIDADES FÍSICAS DE AVENTURA: POSSIBILIDADES NA ESCOLA. UMA
BUSCA NA LITERATURA**

Porto Alegre

2016

Mariana Hofsetz Fernandes

**ATIVIDADES FÍSICAS DE AVENTURA: POSSIBILIDADES NA ESCOLA. UMA
BUSCA NA LITERATURA**

Monografia apresentada à Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Educação Física.

Orientador (a): Prof. Clézio Gonçalves

Porto Alegre

2016

[2]

Mariana Hofsetz Fernandes

**ATIVIDADES FÍSICAS DE AVENTURA: POSSIBILIDADES NA ESCOLA. UMA
BUSCA NA LITERATURA**

Monografia apresentada à Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Educação Física.

Aprovada em:

Banca Examinadora:

Prof^a. Dra. Martha Ratenieks Roessler

Orientador: Prof. Dr. Clézio Gonçalves

“Da natureza nada se tira, a não ser fotos;

Nada se deixa, a não ser pegadas;

Nada se leva, a não ser lembranças;

Nada se transforma, a não ser sua alma.”

(Autor desconhecido)

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais **Oséias** e **Cristiane** que me ajudaram a seguir meu caminho na Educação Física.

A minha irmã **Milena** por oportunizar momentos de estudo.

Ao meu namorado e amigo **Vinicius Tweedie** que sacrificou diversos dias para a concretização deste trabalho.

Aos meus supervisores de estágio **Rafaela Vilela**, **Marcelo Tentardini**, **Eduardo Vasconcelos** e **Márcio Rocha** pela oportunidade de aprender sobre a profissão.

Ao meu professor, mentor, aconselhador e orientador **Prof. Dr. Clézio** que me deu oportunidade de trabalharmos juntos.

Aos meus colegas de monitoria que me ajudaram em momentos difíceis.

À professora **Dra. Martha** por aceitar ser minha banca na monografia presente.

Aos meus pais,

Pela educação recebida.

Aos meus professores

Que não me deram limites.

A minha família

Que me ensinou valores importantes.

OBRIGADA

[5]

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Classificação Esportes Radicais	17
Tabela 2: Resultados da pesquisa por palavra chave.....	19
Tabela 3: Número de estudos utilizados por palavra chave.....	20

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Temas Transversais Referencial Curricular do RS	18
Figura 2: Professores que tiveram disciplina de esporte de aventura	22
Figura 3: Professores que aplicam os esportes de aventura	23
Figura 4: Professores que acham viável ou inviável a aplicação	23
Figura 5: Estudantes que veem a escola como único lugar para aprender o montanhismo	25
Figura 6: Estudantes que imaginam ter autonomia para escolher suas atividades de lazer	25
Figura 7: Montanhismo como gancho para superação de limites	26
Figura 8: Temas preferidos pelos alunos nas aulas de Educação Física	30

RESUMO

A atuação do professor de Educação Física passa por um momento de diversas mudanças e os alunos precisam ser estimulados para novas aprendizagens e vivências. As atividades de aventura na escola contam com um grande desafio que são entre outras coisas quebrar barreiras, para isso o presente trabalho tem como objetivo apresentar pesquisas, relatos e discussões que possam mostrar como os professores encontraram meios de conectar esse conteúdo aos educandos da escola básica em rede pública no Brasil. Entendemos que nesse conteúdo podemos ampliar o conhecimento dos alunos seja no pensamento crítico, no diálogo com a cultura corporal de movimento, no desenvolvimento motor ou nas questões sociais e de convívio com os outros. A ideia da Educação Física neste contexto é como uma ponte para a Educação Ambiental sendo outro fator que pode reconectar o ser humano com a natureza sabendo seus limites e seus cuidados. Para o trabalho utilizamos três plataformas para a busca na literatura, bem como a leitura de textos e livros para a complementação do trabalho. São apresentados relatos de professores e números que confirmam que as atividades de aventura são possíveis a partir de vivências anteriores dos professores, apoio por parte do grupo docente e atualização dos conteúdos emergentes. Grande parte dos trabalhos foram elaborados nos últimos 16 anos constatando assim que é um conteúdo novo abordado por pesquisadores e que requer atenção, pois, está intimamente ligada com o estilo de vida dos educandos.

Palavras chaves: atividade física de aventura na escola, atividades radicais na escola, esportes radicais na escola e esporte de aventura na escola.

Sumário

LISTA DE TABELAS	6
LISTA DE FIGURAS	7
1. Introdução.....	10
1.1 Problema	11
1.2 Justificativa.....	11
1.3 Objetivos	12
1.3.1 Objetivo geral	12
1.3.2 Objetivos Específicos.....	12
2 Revisão de Literatura.....	12
2.1 Lazer.....	14
2.2 Esportes Radicais e a Escola.....	16
2.3 Referencial Curricular do Rio Grande do Sul.....	18
3 Métodos	19
4 Resultados da pesquisa	22
5 Discussão	31
6 Considerações Finais	32
8 Referências	33

1. Introdução

A educação física escolar tem passado por momentos peculiares ao longo de sua trajetória nos últimos anos. Ao perguntar para um aluno de sete anos de uma escola pública ou privada o que ele está aprendendo nas aulas de Educação Física existe uma possibilidade imensa de ocorrer uma resposta diferente de um outro aluno de sete anos de outra escola, ou seja, o que queremos dizer é que o quadro atual da Educação Física Escolar não está de acordo com os ensinamentos que devem ser feitos na etapa aconselhada e que isso ocasiona ensinamentos e conteúdos diferentes numa mesma série/ano em várias escolas. Quando tratamos de cultura corporal de movimento nos damos por conta que a disciplina de Educação Física não vem contemplando o que é necessário para essa cultura dos alunos.

Se nos fosse proposto o desafio de trabalhar as atividades de aventura com os alunos quais seriam as temáticas que relacionaríamos a eles? Será que temos qualificação para trabalhar essas temáticas? Será que teríamos espaço suficiente para apresentá-las? Essas questões não podem ser respondidas com absoluta certeza, pois, vai depender de cada indivíduo, de cada ambiente e acima de tudo da vontade e motivação do professor em atuar com esse conteúdo.

O presente trabalho buscou responder essas questões através da literatura em livros, artigos, capítulos de livros e periódicos, não tornando as respostas como absolutas, mas, como possibilidades de atuação no campo da Educação Física, sobretudo o campo escolar.

As atividades de aventura já são uma realidade em diversas esferas da vida das pessoas, em especial na esfera do lazer. Infelizmente, esse tipo de prática acaba por fazer parte do mercolazer¹, onde os mais privilegiados têm mais oportunidades de vivenciar esses tipos de atividades no meio em que vivem. No entanto, cabe ressaltar que através da escola, esse tipo de atividade poderia ser vivenciado pelos alunos independente da sua situação econômica e social. O skate, o Le Parkour e a escalada

¹ Mercolazer é uma categoria atribuída ao lazer que foi absorvido pela indústria cultura, ou seja, pelo mercado. Assim são as diversas formas contemporâneas de vivências o lazer como mercadoria, em que o indivíduo se torna um cidadão consumidor, regidos pelas leis do consumidor (MASCARENHAS, 2005)

são exemplos de atividades que orientadas por um profissional qualificado poderiam ser atividades proporcionadas as pessoas de qualquer classe econômica.

Os meios midiáticos também apreciam um pouco dessa “fatia” das atividades físicas de aventura; são inúmeros os programas de televisão que transmitem esportes radicais e de aventura seja na natureza ou em ambientes mais fechados, existem outras tantas revistas especializadas em certos esportes que se encaixam nessa temática, sem contar os jornais, desenhos animados que acabam sendo específicos nesse tipo de atividade, bonecos e bonecas, propagandas entre outros meios. O que não se pode mais negar é que essas atividades estão presentes nas nossas vidas, nas crianças e jovens dispostos a aprendê-las e vivenciá-las.

A partir disso podemos nos indagar quanto às possibilidades de atuação do professor de Educação Física no planejamento de conteúdos que façam parte dessa linha de estudo.

1.1 Problema

É possível abordar as Atividades Físicas de Aventura na Natureza (AFANs) dentro da escola? Sabendo as dificuldades de espaços e falta de materiais presentes nela? Buscaremos na literatura casos onde os professores encontraram soluções para esses problemas e oportunizaram aos seus alunos as práticas das AFANs.

1.2 Justificativa

Visto o crescimento do turismo em atividades de aventura, bem como os espaços privados ou públicos, os aparelhos celulares que já vem instalados bússolas para utilização de seus clientes e os documentos referentes à educação, buscamos investigar se é possível utilizar o espaço escolar para a prática de AFANs.

Pensemos o seguinte, quando vamos ao supermercado é de suma importância que tenhamos noções básicas de matemática, quando estamos em uma festa temos o conhecimento das reações que o álcool tem em nosso corpo devido às aulas de ciências e química, quando nos deparamos com uma placa de aviso em uma estrada

precisamos dos ensinamentos básicos do português para entender o que ali está escrito e quando nos deparamos com uma trilha devemos ter os ensinamentos básicos da Educação Física a fim de saber onde devemos ter cuidado saber se tem que correr ou caminhar, se podemos arriscar ou não. Entendemos que as AFANs possam estar presentes no currículo da Educação Física na escola e ser aplicada para que nossos alunos possam usufruir dessas práticas no seu lazer.

1.3 Objetivos

1.3.1 Objetivo geral

Investigar na literatura as experiências de professores que utilizaram as Atividades de Aventura nas escolas e entender como superaram as dificuldades presentes na escola básica.

1.3.2 Objetivos Específicos

- Identificar nestes relatos como os professores vêm abordando a temática nas aulas de Educação Física.
- Identificar nestes relatos quais foram às maneiras que eles conseguiram aplicar esses ensinamentos.
- Quais espaços nestes relatos estão sendo utilizados para a prática.

2 Revisão de Literatura

Em um momento onde o trabalho, os estudos, moradias, mídias e responsabilidades vem cada vez mais afastando as pessoas das atividades físicas, a busca por atividades de lazer junto à natureza vem aumentando gradativamente, seja pela busca de tranquilidade, aproximação com a família ou momentos de prazer. Marinho (2008) cita as peculiaridades desses momentos de atividades físicas de aventura nos momentos de lazer como algo de experimentação direta, ou seja, o indivíduo não tem treinamento prévio, ele aprende experimentando, errando e acertando e que por isso esse tipo de atividades pode ocasionar riscos aos seus

praticantes. Sabendo desses riscos, nos recorre a pensar do ponto de vista que o praticante terá que se importar com os outros e consigo mesmo, trazendo valores de companheirismo com o próximo.

Na literatura existem diferentes conceitos e entendimentos do que é o Lazer. Para tanto buscamos em sua origem no qual a palavra Lazer vem do latim *licere* que corresponde a aquilo que é permitido, lícito, que pode ser feito. No entanto, um sociólogo francês chamado Dumazedier (2001) reconhecido nessa área de estudos atribui um significado mais amplo e concreto ao conceito de lazer sendo:

“O lazer é um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se, ou ainda, para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais.” (DUMAZEDIER, 2001)

O efeito da mídia quando relacionada a conceitos pode nos trazer certos desentendimentos a respeito daquilo que queremos tratar. Por exemplo, quando são tratadas as atividades de aventuras, acontecem alguns equívocos quanto à nomenclatura relacionando a atividade como esporte, e sabemos que esportes possuem um significado mais amplo, ditado por regras, federações e etc. em 1995 Betrán (1995) utilizou pela primeira vez a sigla AFANs que até hoje está cunhada na literatura e significa Atividades Físicas de Aventura na Natureza e a partir de então essa é a nomenclatura utilizada por diversos autores.

Os temas transversais têm a finalidade dentro das aulas de orientar os alunos a problematizar as questões emergentes que envolvem nosso cotidiano, buscando melhores condições de vida, de saúde, de moradia, segurança, meio ambiente, meio social, políticas públicas, trabalho e educação. Com esse tipo de formação, estaremos preparando os alunos para o exercício crítico da cidadania e para a busca da melhoria da qualidade de vida

Nos temas transversais escolares dos PCNs está previsto o Meio Ambiente, que é patrimônio básico para a vida humana, e é de responsabilidade nossa, professores, fazer nossos alunos interagir com ele, cuidando-o, respeitando-o e utilizando-o para nosso lazer. As AFANs podem ser o pontapé inicial dessa interação com o meio ambiente nas aulas de Educação Física, seja no modo procedimental

(saber fazer) da tarefa, ou seja, no modo atitudinal dela que nos refere entre outras coisas ao respeitar os limites e a fazer críticas quanto aos cuidados com o meio ambiente.

2.1 Lazer

A busca da população em seus momentos de lazer vem se identificando no interior do Estado, nos campos, sítios e na natureza em si como alternativa para fugir da aglomeração do centro urbano na possibilidade de descansar, se divertir ou para o desenvolvimento, conhecido como os três D's (DUMAZEDIER, 2001), para tanto Pires (2002, p.32) já alertava para essa necessidade das pessoas onde cita que “a partir da segunda metade do século XIX já havia indicações do anseio da sociedade recém-urbanizada e industrializada, por alternativas de um lazer vivenciado na natureza”, então vemos que a busca por esse tipo de prática junto à natureza não é algo recente, mas sim de muitos anos atrás. Não podemos nos esquecer de que no processo de industrialização, o conceito de lazer para a população era o próprio descanso para ser mais efetivo no trabalho. Hoje o conceito de lazer já é bem mais amplo e não aparece mais como algo fútil ou desnecessário, mas sim uma necessidade de vida do ser humano.

Para entender o Lazer, primeiramente devemos eliminar aquilo que não é considerado lazer, para que assim possamos ter uma visão mais pura dele; Dumazedier cita que atividades como trabalho profissional, trabalhos de complementação e trabalhos domésticos se contrapõe ao conceito de lazer e podem ser consideradas como opostas ao seu significado. Sabemos que muitas pessoas tomam seus tempos livres para tais atividades, e isso pode comprometer a qualidade de vida da população. Marcellino (2000) fala sobre a diferença de lazer e obrigações e traz exemplos quanto a isso, dizendo que as pessoas buscam os jogos, o lúdico, o brincar, o faz de conta e que isso permeia o lazer, pois, as pessoas se livram de suas obrigações profissionais, familiares ou sociais.

Para Godtsfriedt (2010) as atividades nas aulas de Educação Física não devem ser um passatempo, ela deve visar o desenvolvimento integral do aluno e uma possibilidade é atividades fora do ambiente escolar onde possam praticar ao ar livre e que assim o indivíduo estará em processo de aprendizado constante.

Uma das características de quem pretende fazer do seu tempo livre um lazer, é a busca por atividades onde a imprevisibilidade esteja presente a todo o momento. Dunning, (1992) traz o futebol como um bom exemplo de prazer na imprevisibilidade. Quando assistimos a um jogo de Futebol, o que nos dá mais prazer é quando nosso time sai vencedor, mas, às vezes dependendo da situação em que o jogo se encontra um empate aos 45 do segundo tempo é mais valorizado que uma vitória. Dunning (1992) também fala que no cotidiano as libertações que as pessoas fazem como expressões, gritos, choros e alegrias podem ser vistas como algo fora da realidade e que muitas vezes essas pessoas são tachadas de loucas, mas no lazer é o momento de se libertar e que essa “excitação” não é vista como loucura.

As atividades de montanhismo são classificadas por Dunning como “Atividades de Jogo ou miméticas”, pois, se trata de uma extrema mobilidade corporal, da destruição da rotina, do descontrole e de aquisição de novas experiências. (Dunning, 1992)

No ano de 2009, havia no Rio Grande do Sul cerca de 30 empresas no segmento de Turismo e Aventura, uma das probabilidades do alto número de empresas nesse ramo se dá pelo privilegiado perfil físico-ambiental do Estado, além de uma variada flora e fauna o que ocasiona um ótimo ambiente para a prática de atividades com envolvimento na natureza. (Bazotti, 2012)

Na década de 80 começava-se a difundir as uma série de atividades no ambiente natural sendo elas: caminhadas de longo percurso, travessias, cavalgadas, escaladas, voos e canoagens. As atividades eram praticadas basicamente por jovens na região de Parnas de aparados da Serra e na cidade de três coroas. Aqueles que faziam cavalgadas e escaladas eram feitas de norte a sul do estado. No período de 1989 a 2009 surgiram a cada ano novas lojas de equipamentos de aventura e grupos organizados com a finalidade de gerar uma economia com serviços a turistas do estado e de fora dele. (Bazotti 2012)

Em 2015 foi elaborado o Plano Estratégico de Desenvolvimento do Turismo na Região das Serras Gaúchas e Catarinenses, onde menciona as sugestões de produtos que poderiam ser fornecidos nessas regiões, onde colocamos em destaque os de atividades de aventura que incluem o Rappel, Trecking, Caminhadas,

Cicloturismo, Trilhas, Canoagem, Voo livre, Cavalgadas, escaladas; além disso, citam o público alvo que novamente entram os jovens, jovens casais e grupos de amigos. As crianças e os idosos estão ausentes nessa parte do Plano Estratégico. (BRASIL, 2015)

2.2 Esportes Radicais e a Escola

Pereira (2008) classificou os Esportes Radicais quanto as suas características e seu ambiente. Dentro dos esportes radicais foram tomadas duas vertentes sendo Esportes de Ação e Esportes de Aventura.

Entende-se por AFANs a pratica desportiva executada em ambientes internos e externos, em contato pleno com a natureza, invariavelmente explorando-se os limites do próprio esportista, com grau de risco que varia de médio a alto, utilizando equipamentos específicos, de alto nível de especialização e qualidade (SCHWARTZ, 2006).

O significado de Ação se dá pelo movimento, atitude ou comportamento, manifestação de força e energia. Aventura tem o significado daquilo que está por vir, algo imprevisível e desconhecido. Pereira ainda faz uma ligação quanto a esses dois tipos de esportes onde ambos têm os riscos como agente fundamental, porém se distinguem quanto as suas características que são apresentadas na tabela 1:

Tabela 1: Classificação Esportes Radicais

ESPORTES RADICAIS		
MEIO	AÇÃO	AVENTURA
Aquático	Surf, windsurf	Mergulho (livre e autônomo), canoagem (rafting, caiaque, aqua ride, canyoning)
Aéreo	Base jump, sky surf	Paraquedismo, balonismo, vôo livre
Terrestre	Bungee Jump, sandboarding	Montanhismo (escalada em rocha, escalada em gelo, técnicas verticais, tirolesa, rapel, arvorismo); mountain bike (down hill, cross country), trekking
Misto	Kite surf	Corrida de Aventura
Urbano	Escalada indoor, skate, patins in line, bike (trial, bmx)	Le parkour

Considerando os esportes de aventura citados por Pereira no Quadro 1, alguns claramente seriam impossíveis de serem praticados dentro das escolas, mas escalada, técnicas verticais, corrida de aventura e Le Parkour podem ser praticadas dentro das escolas ou parques e praças próximos. Se os professores de Ciências e Artes podem levar seus alunos até museus, o professor de Educação Física também pode levar seus alunos a parques e praças para experimentar outras formas de atividades e formas de lazer.

Franco ao tratar dos PCNs e suas três dimensões (procedimentais, atitudinais e conceituais) menciona que a A.F.A (o autor utiliza essa sigla para tratar de atividades física de aventura), é uma temática que se encaixaria muito bem nessas três dimensões e que caberia ao professor buscar maneiras de aplicá-las nas aulas. Na dimensão procedimental seria simples a sua execução, quando essa não exige materiais caros e sofisticados, na dimensão conceitual buscaríamos aplicar conceitos quando ao meio ambiente, as tecnologias, influência da mídia, no uso do tempo de lazer e etc.; na dimensão atitudinal é que está o grande “adereço” da A.F.A., pois, é necessária a cooperação, a interação, resolução dos problemas com diálogo e o respeito às diferenças. (FRANCO, 2008)

A educação ambiental deve privilegiar a educação em valores, alicerçada em pressupostos como: amizade, cooperação, autonomia, democracia e participação, contribuindo para uma educação crítica. (ABREU, 2009)

2.3 Referencial Curricular do Rio Grande do Sul

O Documento Referencial Curricular do Rio Grande do Sul está previsto vários temas transversais, entre eles: esporte, ginástica, jogo motor, lutas, práticas corporais expressivas, práticas corporais junto à natureza e atividades aquáticas. Algo que causou muito espanto entre os docentes foram os dois últimos temas por se tratar de algo fora da realidade da grande maioria das escolas. Dentro das práticas corporais junto à natureza existem subtemas que podem ser abordados pelos professores como mostra a Figura 1.

Observamos que dentro dessa prática possuem atividades de aventura e atividades de contemplação, que podem ser abordadas nas aulas de Educação física como: Leitura e uso de mapas; Uso da bússola; Procedimentos de orientação com base em elementos naturais: o sol, a lua, a sombra, as estrelas e normas de segurança e precaução; Recursos, lugares e instalações para o desenvolvimento da atividade (DO SUL, 2009)

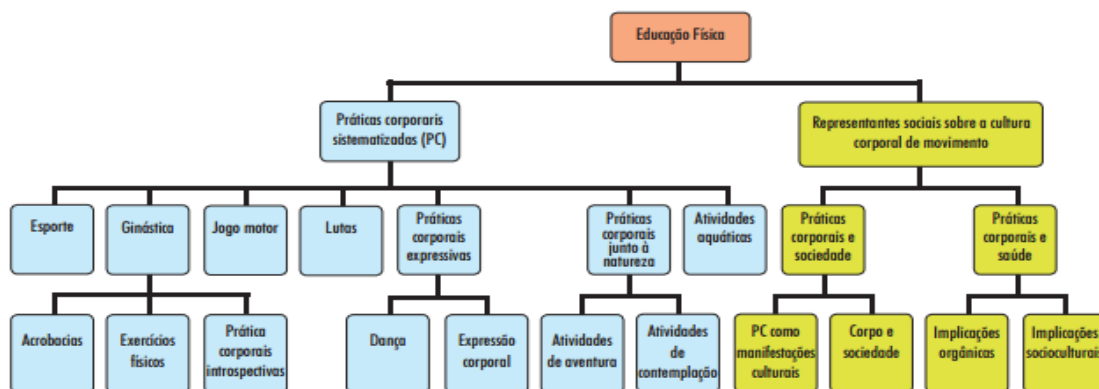


Figura 1: Temas Transversais Referencial Curricular do RS

Além do fator importante do aluno vivenciar atividades junto à natureza, estamos lidando também com aspectos críticos que podemos desenvolver com ele, ou seja, refletir quanto aos impactos junto ao meio ambiente quando praticadas atividades físicas nele e impactos da urbanização e industrialização dos centros urbanos.

Ainda no Referencial está a sugestão de utilizar esse tema no 7º e 8º ano do ensino fundamental e depois no 2º e 3º ano do Ensino médio. Uma das possibilidades

para a escolha desses anos seja pela idade dos alunos quando se trata de uma prática que oferece riscos aos praticantes e que necessita de maturidade dos alunos para a realização das atividades.

Trabalhar as atividades físicas de aventura no mínimo implicará no aumento do leque de atividades que os indivíduos poderão atuar quando adultos, além de proporcionar as crianças e jovens o entendimento da preservação ambiental para atividades junto à natureza, aplicar um conteúdo otimizado pela mídia e adapta-lo para o meio escolar, tratar de valores inclusos na Educação Física como cooperação e respeito aos colegas além do encorajamento das crianças e na melhoria das habilidades motoras. (FRANCO, 2008)

3 Métodos

Para fins de busca, procuramos algumas plataformas virtuais que abranjam trabalhos de diferentes áreas, contextos, ensinamentos e etc. as plataformas utilizadas para a elaboração deste trabalho foram: Google acadêmico, Portal de Periódico da Capes e o Scielo.

Dentro dessas plataformas virtuais, escolhemos palavras-chave para a filtragem de busca sendo elas: atividade física de aventura na escola, atividades radicais na escola, esportes radicais na escola e esporte de aventura na escola. Os resultados das pesquisas podem ser visualizados na tabela 2:

Tabela 2: Resultados da pesquisa por palavra-chave

RESULTADOS DAS PESQUISAS POR PALAVRAS-CHAVES			
Palavras	Resultados Encontrados Google	Resultados Encontrados Capes	Resultados Encontrados Scielo
Atividade física de aventura na escola	636	119	0

Atividades Radicais na Escola	51	259	0
Esportes radicais na escola	1.070	2	0
Esporte de Aventura na escola	159	38	1

Esses dados foram extraídos no dia 16 de abril de 2016 às 17 horas, podendo em breve haver alterações nos números encontrados.

Após os resultados da pesquisa nas plataformas, estipulamos os seguintes critérios para a avaliação de cada trabalho que cotiam nelas sendo: dez páginas com oito trabalhos em cada página que obtivessem no seu resumo algo que pudesse ser utilizado no presente trabalho.

Algumas palavras chaves não apresentavam o mínimo de oitenta trabalhos para a averiguação, e portanto, nesses casos foram avaliados e lidos todos os trabalhos que estavam presentes na plataforma.

Os resultados do número de trabalhos utilizados para os resultados podem ser visualizados na tabela 3.

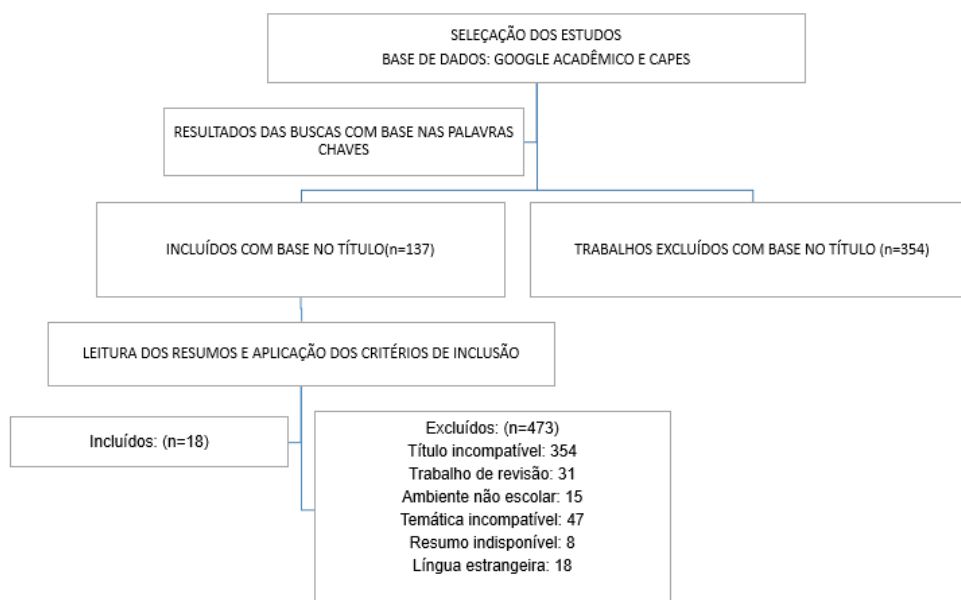
Tabela 3: Número de estudos utilizados por palavra chave

NÚMERO DE ESTUDOS UTILIZADOS NAS PLATAFORMAS			
Palavras	Estudos analisados/ estudos que se encaixam na temática (Google)	Estudos analisados/ estudos que se encaixam na temática (CAPES)	Estudos analisados/ estudos que se encaixam na temática (Scielo)
Atividade física de aventura na escola	80/04	80/0	0

Atividades Radicais na Escola	51/03	80/2	0
Esportes radicais na escola	80/05	2/01	0
Esporte de aventura na escola	80/3	38/0	0

A leitura desses dados foi finalizada no dia 15/05/2016 às 17:00.

Abaixo podemos visualizar o organograma da seleção dos estudos.



Cabe ressaltar que após a pesquisa nos bancos de dados do Google Acadêmico, do Periódicos da Capes percebemos que tiveram artigos e monografias que estavam presente em mais de uma palavra chave, para tanto, foram colocados no quadro somente aquelas que não tinham sido lidos em outras palavras chaves. A grande colaboração para esse trabalho veio do Google Acadêmico que apresentou o maior número de trabalhos que se relacionava com a temática apresentada, já o periódico da Capes mostrou-se poucos resultados que colaboraram com a nossa temática enquanto que o Scielo acabou não colaborando em nenhum trabalho com o presente trabalho.

4 Resultados da pesquisa

Um estudo realizado com 18 professores de 5ª à 8ª série do ensino fundamental e do 1º ao 3º ano do ensino médio de escola de Osório-RS a fim de quantificar quantos professores tiveram a disciplina de esporte de aventura, quantos professores fizeram algum curso de complementação na área, quantos pensam em aplicar, quanto à viabilidade e quantos aplicam atividades de aventura (CAPAVERDE, 2012). O estudo utilizou um questionário de 21 perguntas fechadas que foram distribuídos aos professores.

Dos sujeitos investigados 28% (5 sujeitos) tiveram cadeira de turismo ou esporte de aventura na graduação e 72% não obteve nenhuma cadeira relacionada. A grande maioria, 78% dos professores não procuram cursos para qualificação, apenas 22% dos professores fizeram algum curso nesse âmbito.

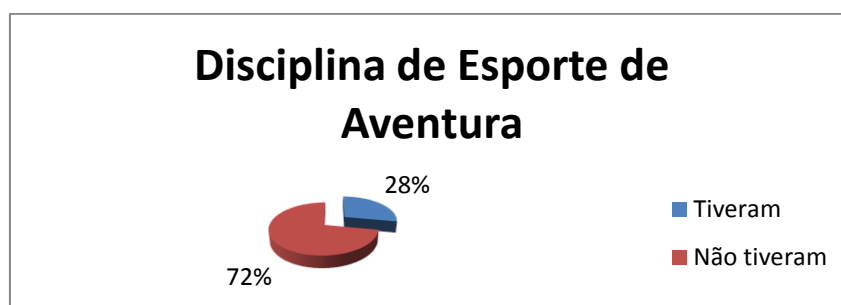


Figura 2: Professores que tiveram disciplina de esporte de aventura

Quando indagados se aplicariam alguma atividade de aventura na Educação Física, 78% (14 professores) disseram que já pensaram em aplicar alguma atividade de aventura e 22% (4 professores) nunca pensaram em aplicar.

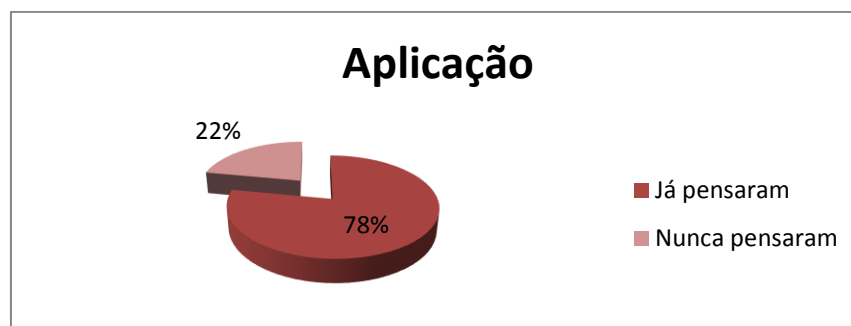


Figura 3: Professores que aplicam os esportes de aventura

Quanto à viabilidade das atividades, 44% dos professores (8 sujeitos) disseram que é viável esse tipo de prática na escola e 56% (10 sujeitos) disseram ser inviável. Foi constatado que 39% (7 sujeitos) estão aplicando as atividades de aventura e 61% (11 sujeitos) ainda não aplicam atividades de aventura nas aulas de Educação Física.

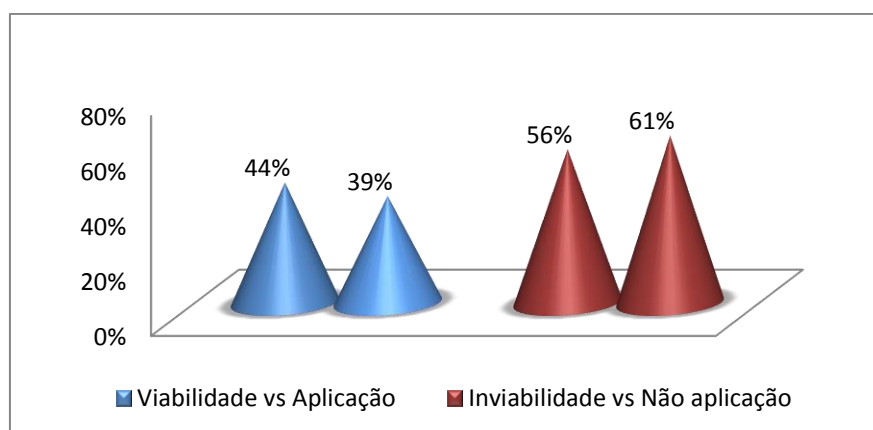


Figura 4: Professores que acham viável ou inviável a aplicação

Podemos caracterizar três tipos de práticas pedagógicas em Educação Física em voga em nossas escolas, sendo as duas primeiras as mais comuns: primeira àquela que continua a tradição que se instalou nas escolas e que foi construída nas décadas de 70 e 80 que é o ensino dos esportes em especial o voleibol, futebol, futsal, basquete e handebol, uma segunda é aquela que caracterizamos como “desinvestimento” que é o professor “rola bola” e, por fim, a menos comum, é aquela que busca inovar, busca modificar e, assim, desvia de alguma forma da tradição instalada. (SILVA; BRACHT, 2012)

Silva e Bracht (2012), constatou em um dos seus estudos que professores que convivem em um bom ambiente escolar têm mais facilidade para inovar nas atividades e que o contrário impossibilita o amadurecimento de boas ideias.

“A professora percebeu as possibilidades de parcerias dentro da escola, como pudemos constatar num depoimento que fez durante um encontro de formação continuada sobre uma experiência com uma prática de esportes de aventura denominada “Enduro a Pé”, no qual relata o comportamento de euforia na participação dos demais professores da escola e como as parcerias foram sendo edificadas de forma que o trabalho se tornou uma produção e compromisso da escola.” (SILVA; BRACHT, 2012).

O sucesso da prática de AFANs é possível diante de diversos fatores como: características da comunidade escolar, conhecimento e empenho docente, relacionamento com a direção da escola, estrutura física e possibilidade de adaptações. (FRANCO, 2008)

Franco relata em uma experiência própria nos anos 90 à implementação de Atividades Física de Aventura no Ensino médio. Em seu relato diz que foi preciso fazer várias adaptações e que foram utilizadas as quadras descobertas da escola, duas bússolas e cordas. Além disso, nessa escola havia um barranco de quatro metros de altura que foi possível fazer atividades de montanhismo com os alunos. Outro ponto importante é que os alunos se interessaram tanto pelas atividades que logo o Grêmio Estudantil da escola começou a arrecadar dinheiro juntamente com o grupo de pais e mestres a fim de garantir melhores materiais para a prática. Ele finaliza dizendo:

“Cabe ao professor, com seu nível de conhecimento e experiência, saber usar o bom senso e conseguir o melhor caminho para a aquisição dos equipamentos e fazer as adaptações necessárias com a maior segurança possível. Mas, seja qual for à adaptação, o docente deverá sempre valorizá-la como estrutura e material verdadeiramente pedagógico.” (FRANCO, 2008).

Nesta escola onde Franco evidenciou e colocou em prática a AFA, foi feito um estudo com os alunos acerca da afinidade com o conteúdo montanhismo, a presença dele na aula de Educação Física, relação com o meio ambiente, consciência corporal, acesso ao esporte, escolha para o lazer e superação de limites.

Daremos ênfase aos quesitos acesso ao esporte através da escola, escolha para o lazer e superação de limites.

A pergunta que foi feita aos alunos quanto ao acesso foi: “*Você acha que a Educação Física escolar apresentou a você um conteúdo, o Montanhismo, ao qual você não teria acesso se não fosse na escola? 63% dos alunos responderam certamente e 30% provavelmente*”. O que nos faz refletir quanto à importância que esses alunos deram ao conteúdo trabalhado, pois, muitos sabiam que talvez a única oportunidade de vivenciar o montanhismo seria na escola na aula de Educação Física.

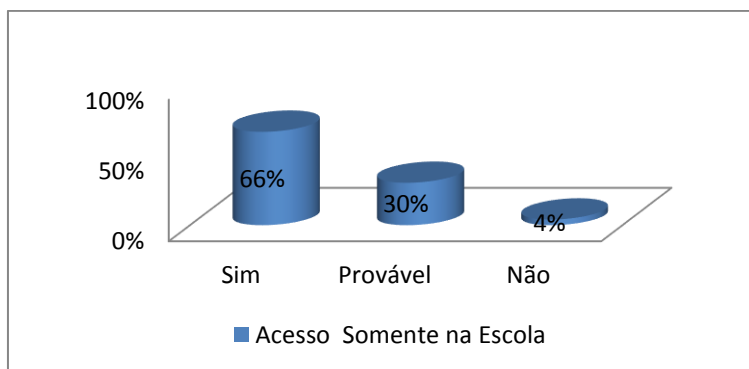


Figura 5: Estudantes que veem a escola como único lugar para aprender o montanhismo

Na esfera do lazer, os alunos foram indagados quanto as suas escolhas na seguinte pergunta: “*Depois de vivenciar o Montanhismo você julga ter mais autonomia para escolher uma opção de lazer?*” 42% dos alunos afirmaram que certamente sim e 44% provavelmente sim. Uma das ideias centrais da Educação Física é proporcionar aos alunos vivências nas quais eles possam escolher quando adultos a fim de proporcionar uma vida ativa e mais saudável. Não há dúvidas que essa ideia foi alcançada com esses alunos.

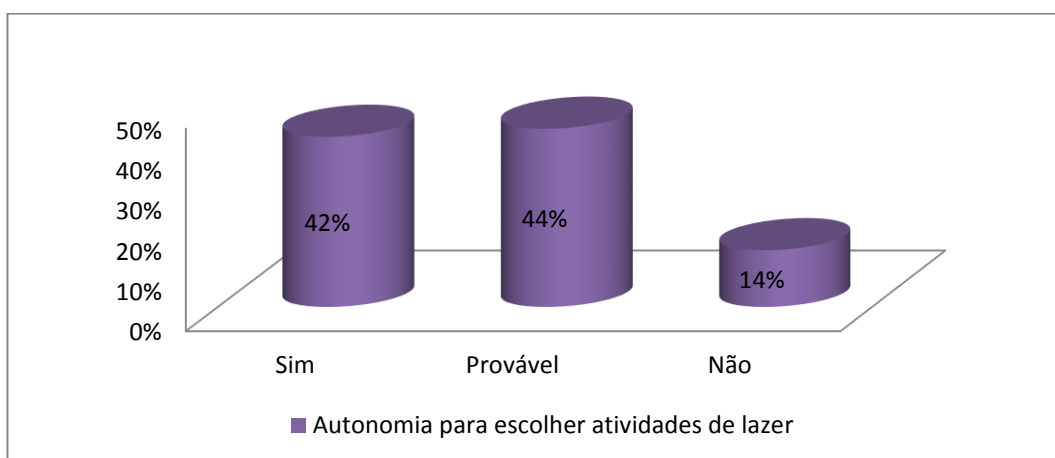


Figura 6: Estudantes que imaginam ter autonomia para escolher suas atividades de lazer

Quando perguntados sobre a superação no montanhismo, os alunos foram quase unânimes na pergunta: “O Montanhismo também pode oferecer situações de superação de limites?” É o que afirmam certamente 76% dos alunos, e 19% que acham que é provável. Sabemos que a superação é algo indispensável nas nossas vidas, no nosso trabalho, nas situações de família e etc.

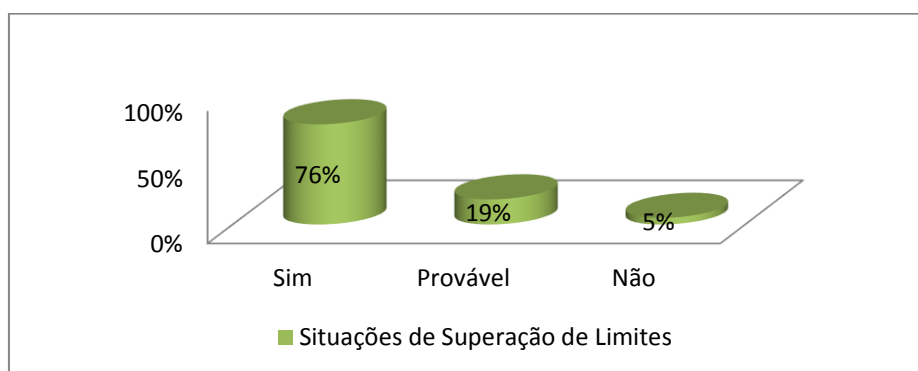


Figura 7: Montanhismo como gancho para superação de limites

Acreditamos que o espaço físico não determina por completo o sucesso de atividades físicas de aventura. Uma escola com grandes recursos não garante que a aula seja bem conduzida, o que determina isso é um bom professor.

Encontramos na literatura um relato de um professor que contou como foi sua jornada para a aplicação do Le Parkour em uma escola da zona leste de São Paulo. O principal objetivo do seu estudo era propor vivências dessas atividades para crianças na Educação Física infantil.

Vieira (2011) mostrou a aplicação que isso teria na vida das crianças com os ensinamentos do Le Parkour (PK) onde cita exemplos diários como correr atrás de uma lotação, pular uma poça d’água na rua entre outros motivos. Nesse estudo foram aplicadas aulas de PK para 180 crianças com idades entre 4 e 16 anos moradores das proximidades da escola CEU da zona leste de SP; foram utilizados alguns materiais como bancos suecos, plinton, caixas de papelão, colchonetes, corda, giz, entre outros.

Percebemos que não foram necessários materiais sofisticados para que as crianças tivessem as vivências do PK contribuindo para sua agilidade, força, flexibilidade e criatividade de novos movimentos. Por ser uma prática desafiadora aos

alunos, custa ao professor ser um agente ousado para a criação e inovação das aulas de Educação Física.

Ferreira (2011), apresentou em sua monografia o relato da experiência com esporte orientação na escola e se mostrou extremamente receoso com o comportamento com que os alunos iriam apresentar com as aulas. Ele então começou utilizando a própria estrutura da escola para a confecção de um mapa no qual os alunos tinham que se guiar. Para a surpresa dele, os alunos responderam muito bem a proposta de aula dele abandonando o paradigma de que a Educação Física era aquela onde se jogava apenas o futebol e concluiu dizendo que os alunos foram extremamente dedicados e que se arrependeu de ter trabalhado essa vivência com as crianças somente no final do semestre.

Conseguimos perceber que com um simples material como um mapa confeccionado de folha A4 trouxe as crianças experiências nunca antes vivenciadas por elas e que demonstrou profundo interesse nelas e provando que para uma boa aula não se necessita dos melhores materiais ou do melhor espaço físico.

Existem outros pontos de vista além da prática, da vivência e do material disponível que é invisível a olho nu, mas que podemos sentir quando estamos na escola. Carvalho mostra outro ponto de vista que ela chama de micropolítica escolar. Desenvolvido um estudo em uma escola de São Leopoldo no RS ela trouxe à tona a realidade escolar de uma cidade da região metropolitana de Porto Alegre, onde utilizou o esporte radical como ferramenta para “radicalizar” a vida dos seus alunos que eram incluídos num quadro de violência, delitos, tráfico de drogas e desrespeito as autoridades. Foram incluídas nas aulas de educação física as atividades de rapel e slackline nas turmas de 6 a 9 ano do ensino fundamental. (CARVALHO, 2014)

Os resultados ao final das unidades de ensino mostraram que 89% dos alunos se sentiram motivados a frequentar mais a escola, o que seria ótimo, pois, lá eles teriam menos acesso a drogas e violência, e 98% dos alunos afirmaram que gostariam de continuar a praticar as atividades. Nesse último dado percebemos a importância dessas atividades para a formação de um cartel de atividades para que os alunos possam pratica-las nos seus momentos de lazer. (CARVALHO, 2014)

Franco (2008), em sua tese de Mestrado defendeu as atividades junto a natureza como parte do currículo escolar, além disso, descreve para melhor entendimento como esse conteúdo pode ser aplicado em qualquer ambiente escolar. Seu objetivo principal era “(...) explorar e descrever essas atividades como uma possibilidade pedagógica real na escola, capaz de fazer parte do currículo comum da Educação Física como valor de conhecimento, tanto quanto qualquer dos conteúdos tradicionais da área (...)” (FRANCO, p. 5 2008).

Foram destacados em seu trabalho os fins que as pessoas levam a fazer atividades físicas de aventura, dos quais se destacam a melhoria da qualidade de vida e o desejo de experimentar novas emoções. Esse estudo foi desenvolvido com 25 pessoas onde se encontraram 46% e 25% respectivamente. Interessa-nos, aqui é ressaltar as atividades miméticas² presentes nesse campo como uma fuga da realidade das cidades, do trabalho, do controle das emoções, vemos esse campo como um local onde as pessoas podem se expressar da forma que acharem conveniente, sem se preocupar com o que a sociedade vai pensar as AFANs. São os locais, entre outros, onde os descontroles das emoções não são vistos como um desvio de conduta pela sociedade. Outro ponto a se destacar é a melhoria da qualidade de vida como um fator a procura por AFANs. O importante é entender que a população já vem se indagando a sua forma de viver a vida, e buscando em outras atividades um objeto de prazer que pode ser encontrado nas atividades físicas.

Araújo (2012), destacou a importância da Educação Física nos primeiros quatro anos da escola básica na aquisição de habilidades motoras fundamentais em crianças e complementou seu estudo salientando a importância dos esportes radicais para esses alunos onde foi destacada a melhoria ainda mais desse grupo.

O autor sugeriu ao estudo uma amostra de 41 crianças do quarto ano do ensino fundamental, o grupo experimental (GE) era composto de 19 crianças entre nove e 11 anos de uma escola onde havia dois períodos semanais de Educação Física e mais três períodos de esportes radicais no turno inverso, o grupo controle (GC) possuía 22 crianças que estudavam em uma escola com apenas dois períodos semanais de Educação Física sem período inverso. A partir dos testes desenvolvidos nas crianças

² Termo utilizado por Elias e Dunning (1992) para definir o estado de explosão eufórica da neurose.

para avaliação do desenvolvimento motor, observou-se que ambos os grupos se encontravam na idade cronológica correta para o seu desenvolvimento, mas o grupo que possuía esportes radicais na sua grade semanal mostrou um resultado ainda mais surpreendente concretizando assim que os esportes radicais são importantes para crianças do quarto ano no que diz respeito ao seu desenvolvimento motor. (ARAUJO, 2012).

Souza (2008) alertou para um problema quando apresentamos os esportes radicais aos alunos, ele propôs a um grupo de 44 crianças que levassem seus patins, skates e bicicletas para duas aulas, os alunos colaboraram e levaram os materiais, no entanto, o autor salienta que as duas aulas saíram inferior ao que ele imaginava, pois, alguns alunos não participaram por ter medo e a aula foi aberta/livre para os alunos explorarem, o resultado é que eles ficaram mais tempo parados enquanto os mais habilidosos brincavam com seus materiais. Aqui está mais que explícito a importância do professor de Educação Física e sua qualificação sabendo que não basta ter a iniciativa de criar uma proposta nova, mas também dinamismo para que a proposta dê certo.

Em uma entrevista com o professor Dimitri Wu (professor universitário de esporte de aventura) Almeida (2014) achou algumas respostas que condizem com aquilo que estamos procurando com esse trabalho de pesquisa. O professor fala sobre os espaços, materiais, atuação do professor e a aceitação da comunidade escolar para os esportes radicais; ele diz que o professor deve mudar o modo com que olha a escola, deve ver oportunidades em todos os lados dela assim ele poderá vê-la na perspectiva dos esportes radicais; os professores devem se inspirar em outras pessoas para deixar a criatividade fluir, se inspirar nas pessoas que criam materiais que não se imaginava e tentar construir equipamentos com materiais alternativos e mais baratos; o professor acima de tudo precisa de vivência e capacitação, ou seja, não é qualquer um que vai conseguir dinamizar os conteúdos dos esportes radicais na escola sem antes experimentar e se capacitar; o Professor ainda dá uma dica de como começar a relação dos esportes radicais com a comunidade, podendo ser a partir de vivências em festas escolares. Refletimos que tudo é uma questão de reinventar o modelo da Educação Física, não há desculpas para não trabalhar os esportes radicais na escola básica.

Teruel (2011), atenuou para a relação de professores que se sentem preparados em relação àqueles que não se sentem preparados para aplicar as AFANs. Dentre os 20 professores licenciados, 55% deles responderam que não tem preparação suficiente para a aplicação dessa temática nas aulas de EFI, eles justificam esse despreparo por experiência prévia inexistente além de pouco recurso metodológico para manter o controle durante as aulas. O fator do despreparo reforça ainda mais o que Dimitri ressaltou na entrevista, onde diz que o professor deve ter experiência prévia. Na outra face da moeda estão os alunos que acabam às vezes sendo lesados pelas escolhas de seus professores ao não proporcionar a eles o maior número de vivências possíveis; dentre os vinte alunos pesquisados 85% mostram interesse por atividades de AFANs. O que demonstra que mesmo distante, as atividades de aventura e os esportes radicais estão na vida desses indivíduos e que é do gosto deles fazer parte dessa esfera.

Talvez um dos maiores medos dos professores de Educação Física seja a resistência que eles oferecem quando levamos novos conteúdos para as aulas. É do senso comum entender que principalmente os jovens se interessam mais pelos esportes como futsal, futebol, basquetebol, voleibol e handebol, no entanto, Metzner (2007) em uma pesquisa com 144 alunos entre 15 e 18 anos da cidade de Bebedouro-Sp, indagou-os em relação a quais conteúdos eles gostariam de aprender na Educação Física, a grande surpresa é que os esportes apareceram com 17% da preferência entre os estudantes enquanto isso lutas (16%), capoeira (15%), dança (14%), ginástica (13%), jogos e brincadeiras (13%), temas transversais (6%) e atividades alternativas (6%). Podemos ver melhor esses números na figura abaixo:

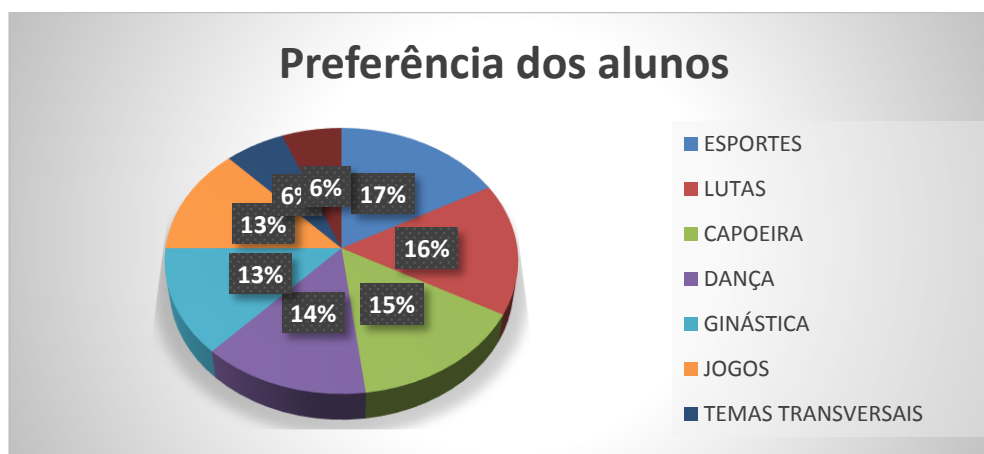


Figura 8: Temas preferidos pelos alunos nas aulas de Educação Física

Este estudo representa a contradição que muitos professores têm alegado ao longo dos anos em relação a elaboração de conteúdos novos e a forma com que os alunos irão recebê-los. O que nos cabe como professores é não limitar o conhecimento de nossos alunos a somente as práticas esportivas, e entender que existem outras esferas, conteúdos, modalidades, temas e etc. que compõem a Educação Física a serem trabalhadas com eles. Ao entender que as práticas esportivas não são as únicas que os alunos preferem aprender em suas aulas, a autora separa os temas transversais em seus subtemas onde temos então as relações ambientais e conseqüentemente as atividades na natureza presentes. O ambiente vem em primeiro lugar com 22% das preferências em seguida vêm saúde com 19% e trabalho e consumo com 18%, percebemos então a carência dos alunos nesses subtemas que dizem respeito a sua vida em relação ao Lazer, ao trabalho e aos cuidados de si.

5 Discussão

O presente trabalho nos leva a querer discutir qual o verdadeiro papel do professor dentro de uma instituição escolar bem como os conteúdos e competências que são transmitidos aos estudantes. Cabe-nos ressaltar que dificuldades em lecionar no atual âmbito político e econômico é realmente uma tarefa desafiadora, no entanto, com a busca de conhecimento e desenvolvimento em grupo e pessoal, os educandos podem ter muito mais que apenas aulas tradicionais na escola. Julgamos importante a transmissão de novos conhecimentos quanto as diversas possibilidades de atividades, exercícios físicos e o pensamento crítico que podem ser objetivados nas aulas.

Inúmeros são os fatores que podem ou não dificultar o bom trabalho de um professor, imaginamos o quanto é difícil “quebrar barreiras” quanto aos ensinamentos ensinados na escola; não são só os alunos que estão acostumados com o modo tradicional de ensinar e de ser ensinado, a própria escola está ligada com esses métodos que já se tornaram ultrapassados e que ainda oferecem resistência a novas formas de ensinar. Isto não pode ser visto a olho nu, isto é algo que pode-se vivenciar,

e que para gerar mudanças são necessários pequenos passos e principalmente o apoio de outros professores.

A escola pode ser a porta de entrada para as atividades de aventura e talvez seja o único local onde as crianças e jovens terão ensinamentos para tal. Ressaltamos a importância das AFANs para o desenvolvimento motor e social, além das transmissões de valores como companheirismo, cooperação, cuidados consigo e com meio ambiente, o ensinamento para o pensamento crítico e por último e talvez o mais importante que abrange todas essas esferas que é o lazer. O lazer não é mais algo desprezível para o ser humano, ele já é uma necessidade, deixou de ser apenas descanso (não que não seja importante) para algo onde o indivíduo pode se desenvolver (estudar, se complementar) ou divertir-se. A Educação Física como ponte para o lazer pode ser desenvolvida através de atividades e vivências que despertem o interesse dos alunos, tragam a eles curiosidade para querer conhecer ainda mais sobre as aulas.

A Educação Física escolar não vai sofrer mudanças positivas se apenas olharmos para o problema e não apontarmos soluções, alguns professores tem parcela de culpa no seu próprio desenvolvimento, pois, saíram da faculdade e não procuraram nada mais para se atualizar e se qualificar e que assim tem uma visão de Educação Física escolar que está sobrecarregada de conteúdos vistos em diversas séries/anos da escola básica. É necessária a busca por novos conhecimentos, a leitura dos documentos atuais para a educação e acima de tudo a atualização dos componentes que fazem um professor.

Proposições de atividades de aventura na natureza, esportes radicais e esportes de ação no âmbito escolar extrapolam a compreensão do processo esportivo formal e representado pela mídia, e que busca incluir aqueles que não possuem uma posição tão privilegiada economicamente. Podemos entender a Educação Física como um campo privilegiado para a formação crítica de diversos conteúdos emergentes. Sendo assim é possível dialogar com outras disciplinas fazendo um trabalho multidisciplinar educando para o lazer e para o meio ambiente.

6 Considerações Finais

Os estudos que foram apontados no presente trabalho nos faz despertar a importância das Atividades Físicas de Aventura sendo na natureza ou não como um conteúdo indispensável para os educandos que é o pensamento crítico da cultura corporal de movimento além de trazer subsídios para os valores de amizade, cooperação, superação entre outros. Um outro acréscimo que as AFANs agregam é a educação para o meio ambiente oferecendo aos alunos intervenções junto ao meio ambiente aprendendo acima de tudo a preservá-lo e cuidá-lo.

Apontamos para uma intervenção pedagógica que aborde conteúdos que possam ser realizados em vários locais para um possível estreitamento do âmbito da Educação Física com o meio ambiente e interligando as práticas e o pensamento crítico a uma relação diretamente ligada ao lazer problematizando as atuais condições de trabalho e construir um conteúdo que possa fazer parte profissional do aluno reestabelecendo conexões novamente com a natureza.

Embora 92% dos trabalhos encontrados nas plataformas de pesquisa seja a partir do ano 2001, sendo assim considerado conteúdo novo pelos pesquisadores, entendemos que as práticas das atividades de aventura são possíveis dentro das escolas de rede pública do país, e que podem fazer diversas intervenções pedagógicas e didáticas da Educação Física interligando com a Educação Ambiental ampliando assim outros conhecimentos da Educação Física comprometida com os desafios da vida dos educandos críticos.

8 Referências

ABREU, Marise Jeudy Moura de; CARNEIRO, Sônia Maria Marchiorato. A relação entre a educação física e a educação ambiental—um estudo na rede municipal de ensino de Curitiba. In: Congresso Nacional de Educação—EDUCERE e Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia. 2009.

ARAUJO, Mauricio Pires de et al. Contribuição de diferentes conteúdos das aulas de educação física no ensino fundamental I para o desenvolvimento das

habilidades motoras fundamentais. Rev. bras. med. esporte, v. 18, n. 3, p. 153-157, 2012

ARMBRUST, I. ; SILVA, S. A. P. S. . Esportes Radicais como conteúdo da Educação Física Escolar. In: Simposio Multidisciplinar: Universidade e responsabilidade social, 2010, São Paulo. XVI Simpósio Multidisciplinar da USJT: Universidade e responsabilidade social. São Paulo: USJT, 2010. v. 16.

BAZOTTI, Leandro. Cronologia do Turismo de Aventura no Estado do Rio Grande do Sul. 2012. Disponível em: <http://www.uces.br/ucs/tpIVSeminTur/eventos/seminarios_semintur/semin_tur_7/gt06/arquivos/06/04_23_54_Bazotti>. Acesso em: 15 abr. 2016.

BETRÁN, Javier. Rumo a um novo conceito de ócio ativo e turismo na Espanha: atividades físicas de aventura na natureza. In: MARINHO, Alcyane; BRUHNS, Heloisa. Turismo, lazer e natureza. Barueri: Manole, 2003. p.157-202.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria da Educação Média e Tecnológica. Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio. Brasília, 1999.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física / Secretaria de Educação Fundamental. - Brasília: MEC / SEF, 1998.

BRASIL; TURISMO, Ministério do. PLANO ESTRATÉGICO DE DESENVOLVIMENTO DO TURISMO NA REGIÃO DAS SERRAS GAÚCHA E CATARINENSE. 2015. Disponível em: <http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/DPROD/Contrato_BID_2229_UCP/Plano_Serras_Gaucha_e_Catarinense/Plano_Estrategico_Aparados_Serra.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2016

CAPAVERDE, Mariane Rech; MEDEIROS, Tiago Nunes; ALVES, Sérgio Luiz Chaves. ESPORTE DE AVENTURA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: UMA ALTERNATIVA AO ALCANCE DOS PROFISSIONAIS? 2012. Disponível em: <http://www.facos.edu.br/old/revistas/ventoemovimento/esporte_de_aventura_nas_aulas_de_educacao_fisica_uma_alternativa_ao_alcance_dos_profissionais.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2016.

CARVALHO, Camila Pacheco. Esportes Radicais na escola. 2014. Disponível em: <<http://enalic2014.com.br/anais/anexos/6262.pdf>>. Acesso em: 13 abr. 2016.

DE ALMEIDA, Adriana Mesquita; GÁSPARI, Arthur Fernandes. ESPORTES RADICAIS, DE AVENTURA E DE AÇÃO: O CONTEÚDO DO ENSINO FORMAL E NÃO FORMAL E OS DESAFIOS DE FORMAÇÃO E PRÁTICA DO PROFISSIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA. *Conexões*, v. 12, n. 3, p. 159-168, 2014.

DE SOUZA, Aécio Gomes; DOS SANTOS FREIRE, Elisabete. Planejamento participativo e Educação Física: envolvimento e opinião dos alunos do Ensino Médio. *Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte*, v. 7, n. 3, 2009.

DO SUL, RIO GRANDE. Referenciais curriculares do Rio Grande do Sul: linguagens, códigos e suas tecnologias. Porto Alegre: SE/DP, 2009.

DUMAZEDIER, Joffre. Lazer e sociedade. In: DUMAZEDIER, Joffre. Lazer e cultura popular. São Paulo: Perspectiva, 1973. p. 19-50.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. A busca da excitação no lazer. In: ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. A busca da excitação. Lisboa: Difel, 1992, p. 101-138.

FIGUEIREDO, Juliana de Paula; SCHWARTZ, Gisele Maria; DOBRÁNSZKY, István de Abreu. Educação Ambiental e Atividades Físicas de Aventura na Natureza (AFAN): perspectivas de utilização no contexto escolar. 2010. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd146/educacao-ambiental-e-atividades-fisicas-na-natureza.htm>>. Acesso em: 15 abr. 2016

FRANCO, Laercio Claro Pereira. ATIVIDADES FÍSICAS DE AVENTURA NA ESCOLA: uma proposta pedagógica nas três dimensões do conteúdo. 2008. Disponível em: <http://www.athena.biblioteca.unesp.br/exlibris/bd/brc/33004137062P0/2008/franco_cp_me_rcla.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2016.

GODTSFRIEDT, Jonas. Prática do lazer: uma revisão de conceitos, barreiras e facilitadores. 2010. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd142/pratica-do-lazer-uma-revisao-de-conceitos.htm>>. Acesso em: 14 abr. 2016.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. *Estudos do lazer: uma introdução*. 2. ed., ampl. Campinas, SP: Autores Associados, 2000

MARINHO, Alcyane. Lazer, aventura e risco: Reflexões sobre atividades realizadas na natureza. *Movimento*, p. 181-206, 2008

MARINHO, Alcyane; DE DEUS INÁCIO, Humberto Luís. Educação Física, meio ambiente e aventura: um percurso por vias instigantes. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 28, n. 3, 2007.

MARQUES, Ana Isabel. *A educação e o lazer*. Millenium, 1998

MASCARENHAS, Fernando. Lazer e utopia: limites e possibilidades de ação política. **Movimento (ESEF/UFRGS)**, v. 11, n. 3, p. 155-182, 2005.

METZNER, Andreia Cristina; DA SILVA, Juliana. Temas abordados na Educação Física para o Ensino Médio. *Revista Hispeci & Lema OnLine*. Bebedouro/SP, 2007.

PEREIRA, Dimitri Wuo; ARMBRUST, Igor; RICARDO, Denis Prado. Esportes Radicais de Aventura e Ação, conceitos, classificações e características. *Corpoconsciência*. Santo André – SP, FEFISA, v. 12, n. 1, 2008, p. 37 – 55

PIRES, P. S. *Dimensões do Ecoturismo*. 2. ed. São Paulo: Senac São Paulo, 2002.

SCHWARTZ, Gisele Maria. *Aventuras na natureza: consolidando significados*. Jundiaí, SP: Fontoura, 2006.

SILVA, Marco Antônio Ferreira da. *Esporte orientação: conceituação, resumo histórico e proposta pedagógica interdisciplinar para o currículo escolar*. 2011.

SILVA, Mauro Sérgio da; BRACHT, Valter. NA PISTA DE PRÁTICAS E PROFESSORES INOVADORES NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR. Disponível em: <<http://periodicos.ufsm.br/index.php/kinesis/article/viewFile/5718/3394>>. Acesso em: 15 abr. 2016.

TERUEL, Ana Paula. *Atividades de aventura no contexto escolar, na visão de professores de educação física*. 2011.

UVINHA, Ricardo Ricci. Juventude, lazer e esportes radicais. Editora Manole Ltda, 2001.

VIEIRA, Marcelo; PEREIRA, Dimitri Wu; MARCO, M. Primeiros obstáculos no Parkour escolar. In: Congresso paulistano de Educação física escolar. São Paulo. CONPEFE. 2011.